

UMA VISÃO PRÉ-SOCRÁTICA DA "OPERA DOS MORTOS" DE AUTRAN DOURADO - OS QUATRO ELEMENTOS

Marilúze Ferreira de Andrade e Silva
Departamento das Filosofias e Métodos - FUNREI

Resumo: Os primeiros filósofos "naturalistas", especulando a origem de todas as coisas, concluíram que a "arché" (princípio) estaria em um dos elementos. Entre eles, Tales de Mileto (624-562), admitiu que a "arché" estaria no elemento água; Anaximenes (588-524), no ar; Xenôfanes (570-480), na terra; Heráclito (535-475), no fogo e Empêdocles (495-455), nos 4 elementos. Essa teoria, fruto da especulação dos pensadores pré-socráticos, vamos reencontrá-la influenciando a obra de Autran Dourado - *Ópera dos Mortos* quando ele, a nível de linguagem, estabelece relações entre as características dos elementos **dos quais** os personagens têm a sua origem **nos quais** eles se realizam e **pelos quais** existem e subsistem. Comprovamos este fato a partir de um levantamento semântico minucioso referente a cada personagem e, do quanto nos foi possível observar, no texto, da aproximação feita pelo autor das distintas características de cada elemento com as dos personagens, estabelecendo, assim, uma relação de identidade entre eles.

Palavras-chave: Pré-socráticos. Filosofia da Literatura. Elementos

Abstract: The first naturalistic " philosophers " (1), speculating the origin of all the things, they ended that the " arché " (beginning) it would be in one of the elements. Among them, Tales of Mileto (624-562), it admitted that the " arché " would be in the element water; Anaximenes (588-524), in the air; Xenôfanes (570-480), in the earth; Heráclito (535-475), in the fire and Empêdocles (495-455), in the 4 elements. That theory, fruit of the speculation of the thinkers pré-socráticos, we are going to find again influencing the work of Autran Dourado- *Opera of the Deads* (2) when he, at language level, establishes relationships among the characteristics of the elements **of the which** the characters have its origin us **which** they take place and **for the which** exist and they subsist. We checked this fact starting from a meticulous semantic rising regarding each character and, of the as it was we possible to observe, in the text, of the approach done by the author of the different characteristics of each element with the one of the characters, placing, like this, an identity relationship among them.

Key-word: Pre-socratcs. Philosophy of the Literature. Elements.



Tales de Mileto (624-562 a.C.) foi considerado o iniciador da *physis*. Atribui-se a ele a afirmação de que "a terra flutua sobre a água. Mover-se-ia como um navio; e quando se diz que



ela treme, em verdade flutuará em consequência do movimento da água" (Bornheim .G. *Os filósofos pré-socráticos*. São Paulo. Editora Cultrix. 1988. p. 22). Em Aristóteles lemos o seguinte:

A maior parte dos filósofos antigos concebiam somente princípios materiais como origem de todas as coisas (...). Tales, o fundador desta filosofia afirmava que era a água o primeiro princípio. Por isso chega até a afirmar que a terra é alimento de todas as coisas, que até o quente procede dela e que todo animal vive da umidade, e aquilo de que todas as coisas procedem é, evidentemente, o princípio de todas elas. E a causa disto chegou a formular a opinião de que as sementes de todas as coisas possuem uma natureza úmida, e a água é o princípio das coisas úmidas (Aristóteles. *Metafísica*. In: Obra Completa. Madrid. Aguilar. 1973. p. 914).

Anaxímenes (588-524) entendeu que o princípio de todas as coisas estaria no ar, conforme lemos no fragmento 1: “Como nossa alma, que é ar, nos governa e sustém, assim também o sopro e o ar abraçam todo o cosmo” (Bornheim. G. op., cit., p. 28). O ar seria, assim, uma substância aérea e ilimitada porque ele está em movimento contínuo e por isso é um elemento necessário para dar vida às diferentes coisas. Além do mais, segundo Anaxímenes, o ar tem a propriedade de condensar resfriando-se, tornando-se água e depois terra e quando se dilata e destende esquentando e torna-se fogo.

Xenôfones (588-524), por sua vez, coloca o “princípio” na terra. No fragmento 27 lemos: “Pois tudo sai da terra e tudo volta à terra” (op., cit., p. 33). No fragmento 29 confirma: “Tudo o que nasce e cresce é terra e água” (Id., ibid.) e ainda no 33; “Nascemos todos da terra e da água” (Id., ibid.).

Heráclito (535-475) defendia que o “princípio” de todas as coisas estaria no fogo. No fragmento 30 nos diz que

Este mundo, igual para todos, nenhum dos deuses e nenhum dos homens o fez; sempre foi, é e será um fogo eternamente vivo acendendo-se e apagando-se conforme a medida” (op., cit., p. 38).

E no 90:

O fogo se transforma em todas as coisas e todas as coisas se transformam em fogo, assim como se trocam mercadorias e reúne-se; avança e se retira (op., cit., p. 41).

Empédocles (495-455) finalmente nos fragmentos 6, 8, 9, 11, 12, 13, 14, 17, 26, 62, 96 e 98 diz que o “princípio” está nos quatro elementos. No fragmento 9, por exemplo, diz que:

Quando (os elementos) se compõem e chegam ao éter são a forma de homem, de animais selvagens de árvores ou de pássaros, então se diz terem sido gerados; e quando se separam, fala-se em morte dolorosa. o que é justo não dizem; contudo eu também falo deste modo, seguindo o costume (op., cit., p. 69).

Resumo da obra: A história que se desenrola na *Ópera dos Mortos* ganha um sentido filosófico à medida que o autor relaciona os seus personagens aos elementos água, ar, fogo e terra. O sobrado é o ponto de referência para se retornar à história da família Honório Cota uma vez que as suas ruínas contam o passado de três gerações. Com dois pavimentos, a parte de baixo, austera e pesada, fora construída pelo Coronel Lucas Procópio Honório Cota (pai), homem que, pelo seu caráter, estaria relacionado às características dos elementos terra e fogo. A parte de cima, leve e elegante, fora construída pelo filho João Capistrano Honório Cota

apresentando as características fundamentais dos elementos ar e água. Há todo um envolvimento mítico em torno desse sobrado chegando mesmo a ser personificado, conforme lemos no texto:

... o reboco caído em alguns trechos como grandes placas de ferida, mostra mesmo as pedras e os tijolos e as taipas de sua carne e ossos, feitos para durar toda a vida ...” (Dourado, A. *Opera dos Mortos*. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira. 1974. p. 1).

Na obra, cada personagem está relacionado a um ou mais elementos. Assim, através de um levantamento semântico, tentamos evidenciar a aproximação que Autran Dourado faz entre as características dos personagens e a dos elementos e chegamos a seguinte conclusão:

Lucas Procópio estaria relacionado à terra . Ele vivia povoando a terra com filhos naturais - a fertilidade é uma das características do elemento terra -. Também estava relacionado ao fogo. O fogo significa superioridade e mando, está associado à libido e à fecundidade bem como a terra. Devido ao seu caráter intempestivo, temido por suas maldades e dureza. Lucas Procópio estaria relacionado ao fogo no sentido demoníaco conforme lemos nas citações: “Aquele tinha parte com o demo” (op. cit., p. 10) e ainda:

No inferno só vovô Lucas Procópio. (...). Lucas Procópio que não sabia mesmo como era, foi. Se foi pros infernos, pros quintos dos infernos, diziam. (...). Homem de muito respeito, de muito despropósito, de muita loucura braba. (op., cit., p. 105).

João Capistrano Honório Cota estaria relacionado, predominantemente,

ao ar que está associado à luz, ao vôo, à leveza, ao perfume, ao odor e à palavra, segundo as qualidades que lhe são atribuídas: “Alto, magro, descarnado como uma ave pernalta de grande porte” (op., cit., p. 10). Gostava das alturas:

Se os balcões levavam grades de ferro batida, se a cachorrada dos beirais era aparente de onde ficaria suspenso no ar para cumprimentar o povo (op., cit., p. 15). Homem assim tão bom vinha para limpar de vez do céu a nuvem pesada e escura (op., cit. p. 16).

E, de forma secundária, estaria relacionado à terra: “ficava como se tivesse fincado no chão” (op., cit., p. 11). “Ali os dois pastavam a sua tristeza e solidão” (João Capistrano e Rosalina). (op., cit., p. 27). Relacionado à terra e a água: “O coronel estava declarado, a gente não tinha mais nenhuma dúvida, ele era do Bando dos Sapos” (op., cit., p. 20).

O **Sobrado** seria a síntese de Lucas Procópio e João Capistrano, logo estaria associado às características dos elementos água, terra, fogo e ar. A associação à terra e ao ar decorre da imagem que o narrador nos passa do sobrado como sendo uma árvore crescendo da terra. Isso nos diz as citações

Ao contrário do que suspeitava o coronel Honório, o mestre entendia do seu ofício. Fez crescer do chão feito uma árvore a casa acachapada, deu-lhe leveza e vida. O mestre ruminou, procurava fundir num só todo (compôs volumes cúbicos, buscou uma clara simetria nos vãos da fachada, deu-lhe vôo e leveza) aquelas duas figuras - o brunoso Lucas Procópio e aquele ali, o coronel João Capistrano Honório Cota. (...). Aquela casa nasceu de outra. Mas se atentar bem pode ver

numa só casa, numa só pessoa, os traços de duas pessoas distintas: Lucas Procópio e João Capistrano Honório Cota. (op., cit., p. 5).

Assim

No tempo de Lucas Procópio a casa era de só pavimento, ao jeito dele; pesada amarrada ao chão, com as suas quatro janelas, no meio a porta grossa, rústica, alta. Como Honório Cota, seu filho acrescentou a fortuna do pai, aumentou-lhe a fazenda, mudando-lhe o nome para Fazenda Pedra Menina - homem sem rudeza, mais civilizado, vamos dizer assim, cuidando muito da sua aparência, do seu porte de senhor de seu orgulho - assim fez ele com a casa: assobradou-a, pôs todo gosto no segundo pavimento. Se as vergas das janelas de baixo eram retas e pesadas denunciando talvez o caráter duro, agreste, soturno do velho Lucas Procópio, as janelas de cima, sobrepostas nos vãos de baixo eram adoçadas por uma leve curva coroadas e enriquecidas de cornijas delicadas que acompanhavam a ondulação das vergas. O que eu quero é juntar o meu com o de meu pai. Eu sou ele agora, no sangue, por dentro. A casa tem de ser assim, eu quero. Eu mais ele (...) Eu quero uma casa só, inteira, eu e ele juntos pra sempre (op., cit., p. 4).

José Feliciano (Juca Passarinho) Tinha este apelido por causa das suas características com o passarinho identificando-se com o elemento ar. Pousava aqui e ali. Não fixava residência em parte alguma. Mas quando viu o sobrado resolveu pousar ali definitivamente. Vivia procurando uma sombra e encontrou a do sobrado. Tinha medo do fogo em todos os sentidos. Fogo para ele significava perigo de vida e quando ele se aproximou da cidade viu uma voçoroca e se aterrorizou com o fogo que lhe pareceu diabólico:

Que é aquilo, seu Silvino? quase gritou, disse espantado José Feliciano apotando o buracão enorme como o leito de um grande rio seco, que ia desde as margens da estrada até se perder de vista, se confundindo com o vale, vermelho, negro. Ah, disse Silvino, o senhor nunca viu uma voçoroca? Já vi aluvião, erosão virar voçoroca, disse José Feliciano, mas deste tamanho nunca na minha vida (op., cit. p. 57).

Esta descrição das voçorocas identifica-se com a descrição de Heráclito dos aluviões. Segundo Heráclito no fragmento 31, haveria uma transformação do fogo em água, ar e terra: “As transformações do fogo: primeiro o mar; e a metade do mar é terra, a outra metade um vento quente. A terra dilui-se em mar, e esta recebe a sua medida segundo a mesma lei, tal como era de se tornar terra” (Bornheim. G. op., cit., p. 38). Segundo Berge a expressão grega *ton auton lōgon* de Heráclito tem os seguintes sentidos:

1) assim como sempre uma parte da água passa a ser terra - o fenômeno da aluvião, observado por Heráclito às margens do Castro -uma porção equivalente de terra sólida desaparece nas águas do rio e do mar; 2. dessa água, parte se transforma em vapor, sendo consumida pelo fogo cósmico 3. Assim, há uma contínua permuta entre os três elementos, o fogo cósmico, a água e a terra, sendo mantida sempre sua distribuição igual (Berge, Damião. *O Logos Heraclítico*. Introdução ao estudo dos fragmentos Rio de Janeiro. INL. p. 144).

Juca Passarinho tinha medo do aluvião porque tinha medo do fogo

tinha medo de olhar aquelas goelas de gengivas vermelhas e escuras, onde no fundo umas arvorezinhas cresciam, um reachinho começava a correr. Que coisa mais medonha, Seu Silvino. Parece que não acaba mais esta começão

de terra. coisa do diabo, mais parece esta fome toda de terra. A gente da cidade não tem medo que um dia chegue lá? acaba comendo as ruas e as casas, engolindo tudo (Dourado, A. op., cit., p. 57).

Quando Juca Passarinho entra na cidade sente-se atraído pelo sobrado “que crescerá como uma árvore”, mas que abrigava Rosalina que era terra e nela ele deixaria a sua semente.

Seu Silvino, me diga uma coisa (...).Me diga de quem é aquele belezão de casa? Ah, disse Silvino, é o sobrado do falecido coronel Honório Cota. Neste o senhor pode derramar seu canto, o elogio tem cabimento. Agora está um pouco estragado demais, o senhor veja, tem até cabeleira de capim no telhado, erva-de-passarinho. (...). José Feliciano admirava o sobrado. A construção era grande e pesada, resistia ao tempo, com pouquinha coisa o sobrado ficava outra vez novo em folha (op., cit. p. 58-59).

Juca Passarinho desceu no Largo do Carmo e imaginou: “o que está faltando é um jardimzinho, um verde, umas flores para enfeitar” (op., cit., p. 60). Juca Passarinho, segundo o narrador, “era um passarinho miúdo, sozinho no céu de Deus” (op., cit., p. 62). Vivia aqui e acolá vagando como um vento. Mas agora queria pousar no sobrado como agregado. Ele era falador (a palavra está associada ao ar) e a sua falação tinha o sentido de um “canto” que se contrapunha ao silêncio de Quiquina que era muda e ao silêncio de Rosalina que era solitária. O “canto” de Passarinho fazia bem à Rosalina e era o seu “canto” a razão de sua permanência naquele sobrado: “(...). A voz de José Feliciano veio dar vida ao sobrado, encheu de música o oco do casarão, afugentou para longe as sombras pesadas em que ela, sem

dar conta vivia” (op., cit., p. 69). E, de repente, acordada pelo “canto”, viu a solidão que era a sua vida (op., cit., p. 69). Juca Passarinho, para Quiquina se compunha de duas imagens: “as asas de um pássaro e uma espingarda (pica-pau)” (op., cit., p. 76). Juca Passarinho gostava de levar vida leve como as dos passarinhos:

Um pintassilgo veio voando, veio e pousou no arame farpado da cerca. Deu um trinado comprido, dobrou no canto. Vendo o pintassilgo, sentiu uma súbita alegria, feito encontrasse um velho conhecido. Assobiou remedando o passarinho, fez dueto com ele. Passarinho era a maior coisa do mundo. Pintassilgo nem se fala. (...). O pintassilgo parou o canto, saltitava no arame. Depois um cabecinha-de-fogo de apoiou mais adiante. O cabecinha-de-fogo ordenava as penas úmidas com o bico. Vida leve a de passarinho, pensou continuando caminho (op., cit., p. 146)

Mas, segundo Anaximenes quando o ar se dilata e destende torna-se fogo. Juca Passarinho perdeu o medo do fogo depois que encontrou Rosalina e as voçorocas, já não o amedrontava. A terra “comida” pelo fogo torna-se, para ele, uma ocorrência normal:

Diante das voçorocas parou. As voçorocas não mais o assustam, tão acostumado agora à sua presença, de tanto que passava por ali toda vez que ia caçar com Seu Etelvino. Nunca porém deixava de olhá-las, preso ao seu segredo, ao seu mistério, ao seu visgo. Uma vez chegou a descer por elas, foi parar lá no fundo do vale. Seu Etelvino ficou de longe espiando feito bobo, por que fazia aquilo, lá não tinha caça nenhuma. Me perdoe o atraso, Seu Etelvino, disse ele, mas é que nunca tinha descido uma voçoroca, queria ver como é ela lá dentro. Tem nada demais não, não é, Seu Juca? disse Seu Etelvino. É, tem não, disse ele. Até que no fundo a terra é firme, tem até um

riachinho correndo lá embaixo (op., cit., p. 146).

Nos seus encontros noturnos com Rosalina Juca Passarinho torna-se fogo: “Pela primeira vez ela voltou o rosto inteiramente para ele. Viu os olhos sem espanto, os olhos com brilho de brasa, os olhos afogueados” (op., cit., p. 124).

Chegou-se mais para junto dela, a respiração ofegante, o coração batendo descompassado. Todo ele era quente, corpo, narinas abertas, ouvidos, olhos, encostado o joelho no seu vestido, até sentir a dureza, a quentura da coxa (op., cit., p. 122).

Rosalina também é a síntese dos quatro elementos porque ela era o avô:

Quem sabe Lucas Procópio não morreu de todo, vivia ainda dentro dela? Ela semente de Lucas Procópio (...). Lucas Procópio, era o escuro na sua força, era do sol, do verde, da claridade. Ela podia ser feito Lucas Procópio (...). E se dentro dela ainda morasse um restinho de Lucas Procópio, quando a alma se desprende? A gente deixa sempre presença no mundo, nos outros (op., cit., p. 105).

E Rosalina era o pai:

(...). Sei, não sou Lucas Procópio, de jeito nenhum. Era mais o pai, homem reto, cidadão. Não lhe imitava os gestos a postura diante da vida? Ela descia a escada, todo mundo de olho nela. Foi colocar o relógio de ouro que o pai usava bem ao lado do outro, o relógio da Independência. Igualzinho ao pai. Sou igual a papai, sou ele não. Ele morreu tem muito tempo, nem cheguei a conhecer Lucas Procópio. Sou de alma o coronel João Capistrano Honório Cota, disse alto o nome todo, pronunciando bem as palavras (op., cit., p. 106).

Assim, Rosalina era água, signo da superfície, símbolo do inconsciente, do informal, do espírito.

Ela é que encharcava de ruído as coisas, emprestava as coisas um sumo de alma. Podia ver como tudo era frio, fechado, limpo, clarinho que nem um olho água minando da pedra naquele instante (op., cit., p. 39). Dissimulada, os olhos líquidos ... (op., cit., p. 95).

Rosalina era ar:

tão linda que ele chegava a sonhar com ela; muito vaporosa, os cabelos soltos, os gestos de quem dança nas nuvens e lhe diz palavras que ele nunca conseguiu entender (op., cit., p. 96).

Rosalina também era fogo: Não era uma menina, era uma mulher que carecia de outras coisas. Afogueada, ela tinha fogo por dentro (op., cit., p. 144).

Aguardente era um bom nome, dizia tonta. Água-ardente, uma coisa queimando dentro dela num quente gostoso (...). Mas depois era tão bom, aquela quentura no peito, o peito largo, amplo, uma sensação de conforto, quase de paz, feliz ... o corpo queimando, que se comunicava por ondas quentes e sucessivas com aquele outro corpo. Só o corpo quente e escuro de Rosalina vivia (op., cit. p. 122). Os dedos tocaram de leve o cabelo, sentiram a macieza eletrizante dos fios (op., cit., p. 123). Ela olhava para ele com os olhos de uma mulher úmida de fogo (op., cit., p. 124). Rosalina não era uma menina: mulher feita mulher quente (op., cit., p. 144). (...) Uma mulher como ele nunca viu. Tanto fogo tanta esquentação (op., cit., p. 145).

Rosalina é terra: “E veio um dia Rosalina, nasceu em janeiro, no Capricórnio” (op., cit., p. 18) O signo de Capricórnio é um signo relacionado ao

elemento terra. Rosalina era terra. Fertilizou a semente que Juca Passarinho depositou nela, era silenciosa e soturna

Ela estava virando coisa, se enterrava no oco do escuro, ela e o mundo uma coisa só. E dentro dela rugia a seiva, a força que através de verdes fusos dá vida à flora e à fauna, e torna o mundo esta coisa fechada, impenetrável ao puro espírito humano (op., cit. p. 69).

Finalmente, após o parto, Rosalina, enloquece e vira mito. O povo ouvia

uma cantilena noturna e a atribuía a Rosalina. Era uma cantilena meio chorosa como a da Verônica na Semana Santa.

É ela sim, disse seu Donga Novais. E como duvidassem, ele disse eu vi com estes olhos que a terra há de comer. Eu vi dona Rosalina toda vestida de branco vinda do meio da noite, das bandas do cemitério (p.202)

Referências bibliográficas

ARISTOTELES. *Metafísica*. In: *Obras Completas*. Madrid : Aguilar, 1973.

BERGE, Damião. *O logos heraclítico*. Introdução ao estudo dos fragmentos. Rio de Janeiro : INL, 1969.

BORNHEIM.G. (org.). *Os filósofos pré-socráticos*. São Paulo.: Cultrix. 1988.

DOURADO. A. *Ópera dos Mortos*. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 4.. ed. 1974.

REALE, Geovani e ANTESERI, Dário. *História da Filosofia*. .Vol. I. São Paulo : Edições Paulinas, 1990.

KIRK, G.S. e RAVEN. J. E. *Os filósofos pré-socráticos*. Lisboa : Fundação Calouste Gulbenkian, 1990.